
O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA ORAL E ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO

THE DEVELOPMENT OF ORAL AND WRITTEN LANGUAGES IN LITERACY

Aline Carvalho Tolentino ⁶³

Gilson Xavier de Azevedo ⁶⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar e analisar trabalhos acadêmicos que discutem sobre a oralidade e a escrita na alfabetização e seu desenvolvimento, a fim de, ampliar a compreensão a respeito do tema, e com isso, conhecer estratégias pedagógicas que facilitam a aprendizagem significativa de ler e escrever e também reconhecer as dificuldades de aprendizagem dos educandos. Para desenvolvimento do respectivo estudo, adotou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica, a partir de leituras e análises de obras de autores que discorrem acerca do tema, a pesquisa foi realizada pela busca eletrônica nos sites: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Google Acadêmico e SciELO - Scientific Electronic Library Online, onde foram selecionados artigos e trabalhos acadêmicos publicados com as palavras chaves: língua oral, língua escrita e alfabetização. Além da busca em sites de trabalhos acadêmicos o desenvolvimento teórico deste trabalho de conclusão de curso foi embasado em documentos elaborados pelo Ministério da Educação dos anos de 1998 a 2018, e também em textos de Emilia Ferreiro (1995) e Magda Soares (1998 e 2004). Os resultados encontrados foram que o desenvolvimento da linguagem e da escrita é um trabalho que merece atenção os educadores visto que são essenciais para a formação do mesmo.

Palavras-chave: Língua Oral. Língua Escrita. Alfabetização.

ABSTRACT

The present work aims to research and analyze academic works that discuss orality and writing in literacy and its development, in order to broaden the understanding about the theme, and with that, to know pedagogical strategies that facilitate the meaningful learning of reading and writing and also recognizing the students' learning difficulties. For the development of the respective study, the methodology of bibliographic research was adopted, from readings and analyzes of works by authors who discuss the theme, the research was carried out by electronic search on the websites: Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), Google Scholar and SciELO - Scientific Electronic Library Online, where articles and academic papers published with the keywords: oral language, written language and literacy were selected. In addition to searching academic work sites, the theoretical development of this course conclusion work was based on documents prepared by the Ministry of Education from 1998 to 2018, and also on texts by Emilia Ferreiro (1995) and Magda Soares (1998 and 2004). The results found were that the development of language and writing is a job that deserves the attention of educators since they are essential for the formation of the same.

Key-words: Oral language. Written Language. Literacy.

⁶³ Graduanda em Pedagogia pela UEG UAB CEAR 2021 (alinelinda17@gmail.com).

⁶⁴ (Orientador) Graduado em Filosofia pela FAEME (2007), Ph.D. em Educação pela PUC GO (2020) (gilson.azevedo@ueg.br).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título “O Desenvolvimento da Língua Oral e Escrita na Alfabetização”. A pesquisa Bibliográfica foi realizada pela busca eletrônica nos sites: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Google Acadêmico e SciELO - Scientific Electronic Library Online, onde foram selecionados artigos e trabalhos acadêmicos publicados com as palavras chaves: língua oral, língua escrita e alfabetização. O desenvolvimento deste trabalho foi embasado também em documentos elaborados pelo Ministério da Educação dos anos de 1998 a 2018, e também em textos de Emilia Ferreiro (1995) e Magda Soares (1998 e 2004).

Esse tema foi escolhido, sentida a necessidade em debater acerca do desenvolvimento da língua oral e da escrita na alfabetização, de modo a se perceber quais são as dificuldades para alcançar estas aquisições e qual é a contribuição que pode trazer para o professor aperfeiçoar as práticas de alfabetização?

O objetivo deste trabalho é pesquisar e analisar trabalhos acadêmicos que discutem sobre a oralidade e a escrita na alfabetização e seu desenvolvimento, a fim de, ampliar a compreensão a respeito do tema, e com isso, conhecer estratégias pedagógicas que facilitam a aprendizagem significativa de ler e escrever e também reconhecer as dificuldades de aprendizagem dos educandos.

Para compreender o desenvolvimento da pesquisa é necessário reconhecer que a língua oral e escrita apresenta características próprias e distintas. A aquisição da escrita, pelas crianças, é um processo que não se inicia na escola. Isto porque desde os primeiros anos de idade a criança se vê envolvida por linguagens verbais e não verbais.

Em termos de linguagem oral ou verbal, os primeiros contatos da criança são com a modalidade oral da língua. Assim, quando chega à escola, a maioria das crianças já possui um conhecimento considerável da modalidade escrita por meio dos desenhos e garatujas. Por isso, a aprendizagem da língua não deve ser um processo tão penoso para as crianças, pois é algo que faz parte, de algum modo, de seu dia a dia.

Vale salientar que o educando, sujeito da aprendizagem, é um ser social, afetivo, cognitivo e com um desenvolvimento motor, psicomotor e perceptivo a ser considerado. O ser humano é muito mais amplo, com fatores a serem conhecidos não só na realidade do dia a dia escolar, mas no seu meio sociocultural de uma aprendizagem que acontece na “hora da concepção deste SER”. Sendo assim, devem-se levar em conta os quatro pilares definidores de estratégias para promover a verdadeira educação de qualidade visando sempre o

desenvolvimento humano, são eles: **Aprender a Ser; Aprender a Conviver; Aprender a Fazer; Aprender a Conhecer. (DELORS, 1998).**

No tópico um trabalha-se a questão do processo de aquisição da linguagem oral e suas implicações. No tópico dois trabalha -se o processo da aquisição da linguagem escrita. No tópico três trabalha-se a questão da alfabetização e a base nacional comum curricular.

1 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL

1.1 A Concepção e Desenvolvimento da Língua Oral da Criança

A comunicação por meio da língua é a principal maneira da interação entre indivíduos, seja ela oral ou por gestos, e devemos dominar os mais variados sistemas linguísticos e respeitar a diversidade da linguagem.

Conceituando o termo oralidade compreendemos que é uma “característica ou condição daquilo que é falado ou procedimento que só se faz verbalmente; ou em oposição daquilo que é escrito” (Dicionário Online de Português, 2021). A oralidade é a comunicação transmitida por sons fonológicos que formam palavras e frases.

O desenvolvimento da oralidade se inicia em crianças a partir de um ano e meio, quando um adulto a questiona, conversa e brinca, a criança (estimulação) é capaz de produzir alguns sons na tentativa de comunicação.

O documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) discorre sobre a comunicação dos bebês, desenvolvida por meio de sons emitidos pelo esforço em comunicar-se com os adultos. “O adulto deve utilizar-se de um diálogo simples e repetitivo para que favoreça uma comunicação com a criança, seja na hora de alimentar, trocar e dar banho, o importante é que sempre estabeleçam uma comunicação”. (BRASIL, 1998, p. 125).

Os bebês são capazes de compreender tudo que está acontecendo em sua volta antes de adquirir a fala, isto é o que afirma a autora Silvana Augusto em seu artigo sobre a “Linguagem Oral e as Crianças – Possibilidades de Trabalho na Educação Infantil” publicado em 2011, citando que devido à compreensão dos bebês, deve-se conversar com eles, apresentar objetos e tudo ao seu redor, pois assim ampliará a compreensão da linguagem. Incluindo também os bebês em situações comunicativas, utilizando expressões e gestos eles passam a observar e reproduzir estes comportamentos dos adultos na tentativa de se comunicar, assim como cita o RCNEI (1998).

É esperado que no final dos dois anos de idade a criança já esteja formando pequenas frases e saibam representar por palavras os objetos e símbolos e também saibam questionar,

para que isto seja bem desenvolvido com as crianças, é preciso estimular por meio de brincadeiras e interações incorporando as vocalizações rítmicas; utilizar a linguagem oral para questionar sobre seus sentimentos e vontades em situações cotidianas; promover momentos de leitura utilizando-se de diversos gêneros literários; criar oportunidades de acesso à leitura e escrita e deixar com que as crianças manuseiem livros, revistas, historinhas em quadrinhos e etc. (BRASIL, 1998).

De acordo com Augusto (2011) a linguagem oral também permite que as crianças possam brincar com as palavras, assim como com a ludicidade das rimas, em cantigas, já possibilitam muita diversão para as crianças, assim como também repetir parlendas, brincar de roda e trava-línguas.

Assim sendo, compreende-se a partir da leitura do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e do artigo da autora Silvana Augusto que o desenvolvimento da linguagem oral em crianças ocorre desde o nascimento, quando a criança tem a participação em uma comunicação com algum adulto ele já começa a compreender o mundo, e por consequência os bebês passam a imitar os adultos na tentativa de comunicação. Então para que a fala da criança seja desenvolvida com eficácia é necessário que o adulto sempre se comunique com estes, e também promovam situações em que as crianças tenham contato com a leitura, músicas e brincadeiras para que a fala seja desenvolvida com eficácia.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

1.2 O desenvolvimento da linguagem na perspectiva Vygotskyana

Neste tópico, será discutido acerca do desenvolvimento da oralidade de acordo com a teoria de Vygotsky. Como dito no tópico anterior sobre o desenvolvimento da linguagem, sabe-se que essa aquisição é estimulada na criança desde bebê, não é considerado algo inato, mas sim desenvolvido a partir da interação com um adulto e outras crianças, ou seja, a oralidade é adquirida num âmbito social que a criança convive.

A partir da interação com o outro a criança aprende a falar, e é impossível pensar em aprendizado da linguagem sem a mediação do outro. Ao tratar da linguagem sendo desenvolvida pela interação, a teoria de Vygotsky é baseada nesse conceito, em que o aprendizado é o resultado entre a interação de sujeitos.

As autoras Souza e Andrada (2013) citam sobre as Funções Psicológicas Superiores (FPS) que são responsáveis pela fala, pensamento, sentimentos, memória e atenção, formando assim um sistema psicológico. A linguagem é formada pela relação com os signos e as funções psicológicas superiores. Essa relação acontece, pois são os signos que se ligam com todas as

FPS, e assim, levam as informações a serem acessadas. “Sem os signos o cérebro não consegue se transformar em suas complexas relações”. (SOUZA; ANDRADA, 2013, p. 357).

Continuando nas autoras Souza e Andrada (2013) discorrem acerca das palavras, enquanto signos, que representam o objeto e também dão o seu significado, o sentido que ela tem do objeto. “Quando a criança já possui o conhecimento das palavras também se desenvolve junto o pensamento. As autoras citam que sempre que a fala da criança vai se aprimorando, o seu pensamento também vai se desenvolvendo, isso acontece a cada aprendizagem do significado de novas palavras e indica também que o pensamento está em evolução”. (SOUZA; ANDRADA, 2013, p. 358).

Segundo Vygotsky (2007) a interação e a mediação entre a criança e o adulto são relevantes para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento e também das funções psicológicas superiores. De acordo com o estudo de Silva (2013) sobre o desenvolvimento da linguagem na teoria Vygotskyana ela afirma que existem dois componentes que estruturam a palavra, sendo eles: a função designativa que é a nomeação das coisas, como o nome de objetos, ações e também nome de pessoas; e o outro componente que estrutura a palavra é o significado, assim como já diz a palavra é nada mais do que a compreensão daquele objeto nomeado, e qual a sua função. (SILVA, 2013, p. 384).

As crianças quando estão aprendendo o significado das palavras, reproduzem o que veem dos adultos (mimese), neste momento, as crianças ainda não sabe com exatidão o significado das palavras, o significado é indefinido. Apenas quando as crianças vão sendo ativas em várias situações de interações com os significados dos objetos, que elas aprendem de maneira que o seu significado seja internalizado e permanente, e não reproduzam mais os significados apenas por imitação dos adultos.

“O significado da palavra começa a se desenvolver e este processo pode ser percebido a partir do momento que a criança passa a reagir seletivamente ao objeto sem, necessariamente, depender dos fatores que antes eram determinantes para sua reação. Isto ocorre na educação infantil, quando sua referência objetual já se encontra estável, tornando possível e melhor a comunicação da criança e o entendimento desta comunicação, para os outros”. (SILVA, 2013, p. 385).

O processo de desenvolvimento da linguagem ocorre por meio da interação entre sujeitos. É a partir de quando o adulto vai apresentando os significados dos objetos que a criança passa a imitá-lo até aprender o seu significado definitivamente e as usam corretamente na sua comunicação e desenvolvendo seu pensamento, tornando o pensamento verbal. Essa troca de

aprendizagem e desenvolvimento na teoria de Vygotsky existem dois níveis, sendo a Zona de Desenvolvimento Real e Zona de Desenvolvimento Potencial.

De acordo com Leite (2013) a Zona de Desenvolvimento Real é quando a aprendizagem se dá a partir daquilo que a criança já sabe, e consegue resolver os problemas cotidianos. A Zona de Desenvolvimento Potencial é quando as crianças precisam do auxílio de um adulto para aprender, pois ainda estão em processo de maturação. Neste caso, a linguagem oral é estimulada pela necessidade em comunicar com o outro, aprende o vocabulário ouvindo a televisão, os pais, os colegas e etc. (LEITE, 2013, p. 4, apud VYGOTSKY, 2007).

Portanto, para Vygotsky (2007) a linguagem só é desenvolvida a partir da interação entre o adulto e a criança, quando o adulto ensina, conversa e interage com ela, realizando um desenvolvimento proximal, auxiliando a reconhecer novas palavras, ou seja, aprendendo signos e seus significados, que representam os objetos, desenvolvendo também o seu pensamento e as funções psicológicas superiores.

1.3 Compreendendo a Linguagem

Para compreender a linguagem, discutem-se aqui, questões sobre o processamento linguístico e a aquisição da linguagem, abordados pela autora Leticia Corrêa (1986); discute-se também sobre os estágios de desenvolvimento da linguagem com as autoras Oliveira, Rocha e Elane (2007) e por último sobre as dificuldades na linguagem baseado no livro Código de Linguagem do Instituto Superior de Teologia Aplicada (2015).

O Processamento Linguístico e a Aquisição da Linguagem são dois elementos que caminham juntos e são considerados os principais elementos da concepção teórica da língua. Todo o funcionamento da língua seja cognitivo e fisiológico, o processamento linguístico “expressa como as línguas são desenvolvidas e adquiridas em condições normais”. Os processamentos linguísticos são percorridos em duas direções, o primeiro se refere a ideia da fala na mesma semântica, e por segundo, a transformação de uma ideia.

“O processamento linguístico transcorre em duas direções: de uma ideia ligada a fala; do enunciado percebido a uma representação semântica deste enunciado. Assim sendo, o processamento linguístico diz respeito ao processo que transforma uma ideia ou mensagem, vinculada a uma intenção de fala (em um dado contexto), em uma representação mental passível de ser articulada em sons vocais¹ e/ou registrada na escrita, ou percebida (embora não emitida) como pensamento consciente. Por outro lado, diz respeito ao processo que parte da percepção do sinal acústico² da fala, ou gráfico da escrita, e dá origem a uma representação de natureza

semântica passível de ser integrada no discurso, e com toda a base de conhecimento do ouvinte/leitor”. (CORREA,1986, p. 107).

A aquisição da linguagem para Correa (1986) ocorre no âmbito social, é a língua materna. A aquisição da linguagem pode ser iniciada quando a mãe está em período de gestação, ao falar com a criança, cantar uma cantiga, notados pelo bebê e após o nascimento, essa percepção aumenta cada vez mais. O processamento linguístico ocorre de maneira natural e automática, porém limitada a estudos da psicolinguística sobre os processos mentais. (CORREIA, 1986).

O desenvolvimento da aquisição da linguagem se divide em dois estágios o **pré-linguístico**, quando a criança ainda não adquiriu a fala; e o estágio **linguístico**, quando a criança já utiliza das palavras para se comunicar.

O estágio pré-linguístico definido pelas autoras Oliveira, Rocha e Elane (2007). Logo após o nascimento a primeira comunicação que os bebês têm com seus pais ou cuidadores, é o choro. É a partir do choro da criança que o adulto sabe identificar por que ela chora, seja de fome, cólica ou por estar sozinha. Quando a criança vai amadurecendo ela começa a repetir sons juntando consoantes com vogais, como: ma, ma, má ou da, da, dá na tentativa de se comunicar.

O estágio da fala linguística se inicia a partir dos dois anos de idade, quando a criança passa a falar algumas palavras, mas ainda tem algumas dificuldades e características do pré-linguístico. As autoras afirmam que no início desta fase as crianças usam uma única palavra para se referir uma frase, por exemplo a criança aponta para a porta e dizer “UA”, se referindo ir passear na rua, as autoras ainda citam que a partir dos dois anos e três anos as crianças começam a falar frases completas e o vocabulário é bem mais amplo e até se preocupam com regras gramaticais. Aos seis anos a comunicação oral é completa, com frases longas e corretas. (OLIVEIRA, ROCHA E ELANE. 2007).

Discutindo sobre os estágios de desenvolvimento da língua oral, é importante ressaltar que algumas crianças não conseguem acompanhar as fases de desenvolvimento por apresentarem algumas dificuldades na linguagem, isto ocorre com crianças ouvintes que não possuem um ambiente que possibilite o desenvolvimento da linguagem e também está associado a ausência de habilidade de linguagem.

O livro Código de Linguagem produzido pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA) define algumas deficiências e distúrbios que causam a dificuldade do desenvolvimento da linguagem assim como: as deficiências auditivas; as deficiências mentais que correspondem

por conta do atraso intelectual, e quanto mais severo for o caso, a linguagem será mais comprometida (CÓDIGO DE LINGUAGEM, 2015).

Tendo em vista o desenvolvimento do processamento linguístico, entende-se que este processo cognitivo e fisiológico ocorre de maneira natural e espontânea, e a aquisição da linguagem ocorre desde o nascimento e vai se desenvolvendo a cada estágio, respeitando a maturação da criança a cada idade, porém isso não ocorre com todas as crianças, existem diversas deficiências e distúrbios que comprometem o desenvolvimento da fala das crianças, mas isso não quer dizer que estas não são capazes de aprender, é necessário um ensino adaptado a cada dificuldade de aprendizado conforme se verá a seguir.

2 O PROCESSO DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA

2.1 A Criança e a Escrita

Propõe-se aqui uma discussão a respeito da aquisição da linguagem escrita das crianças com base no documento do Ministério da Educação “Crianças como Autoras” (BRASIL, 2016) e também na teoria de Vygotsky (2007) e por fim, uma breve ressalva as dificuldades de escrita com crianças em fase de alfabetização.

O domínio da escrita é conquistado por um processo em que a criança participa, sendo esse, dentro e fora da escola. A criança que observa a escrita no seu cotidiano, em placas de trânsito, vendo seus pais escrevendo e etc, possui um interesse pelas letras e palavras e até tenta reproduzi-la por meio de rabiscos e desenhos, estas são as primeiras manifestações gráficas, mas para que a escrita tenha um desenvolvimento eficiente, na escola não podem ser realizadas atividades mecanizadas que não trazem o significado para a aprendizagem da criança.

“A criança começa a produzir texto/discurso nas marcas que imprime com o próprio corpo, nos gestos indicativos, nas expressões corporais e dramatizações, no traçado dos desenhos, símbolos e letras, no trabalho com as artes visuais – pinturas, colagens e modelagens –, na criação de textos orais a partir de imagens e situações vividas, observadas ou imaginadas e na possibilidade de ditar esses textos, buscando a melhor forma de articular o discurso que pretende proferir, para um escriba transcrever ou para ela própria tentar fazê-lo, ainda que de forma não convencional. A criança conhece alguns usos e convenções da escrita e produz textos oralmente com esses conhecimentos linguísticos” (BRASIL, 2016. p. 28).

Assim, a escrita ocorre espontaneamente para as crianças que estão acostumadas “a desenhar, dramatizar e perceber que o seu desenho pode representar a fala”. Na escola, o ensino da escrita e da leitura durante muito tempo, não foram reconhecidos. O método de ensino era baseado por etapas, partindo de atividades mais simples às mais complexas. Esses métodos de

alfabetização não são eficazes, pois são desenvolvidos por palavras soltas, textos descontextualizados que não são significativos à aprendizagem da criança, além de também desconsiderar a apropriação de sujeito”. (BRASIL,2016, p. 29).

Em vista disso, Vygotsky também realiza uma crítica acerca do ensino da escrita, em que, são ensinadas às crianças a escrita como atividade motora, sem levar em consideração o significado real da linguagem escrita, elas aprendem de maneira mecânica a desenhar letras e formar palavras, mas não compreendem a escrita". (REGO, 2012, p. 17 apud VYGOTSKY, 1984, p. 119).

Teresa Rego (2012) cita que o ensino da escrita é um processo muito complexo que se inicia muito antes da criança aprender as primeiras palavras. Isto ocorre dado que a escrita é uma representação da realidade, um conjunto de símbolos escritos que representam a fala. “A compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente, por meio da linguagem falada; no entanto, gradualmente essa via é reduzida, abreviada, e a linguagem falada desaparece como elo intermediário”. (REGO, 2012, p. 17 apud VYGOTSKY, 1984, p. 131).

Então, para Vygotsky apud (Tereza Rego, 2012) para o ensino da escrita ser eficaz é necessário investigar o que a criança já sabe sobre a escrita, e desenvolver nela todo um sistema de representação simbólica da realidade, como desenhos, gestos, brincadeiras e por final desenvolver o processo de aquisição da escrita.

Além de um ensino defasado da escrita causar dificuldades de aprendizado, existem alguns transtornos que podem também causar o atraso e a dificuldade em compreender a escrita, sendo eles destacam-se: os transtornos fonológicos, transtornos visoespaciais e também gramaticais.

De acordo com Algeri (2014) “os transtornos fonológicos causam a ausência de substituições na estrutura da palavra, substituindo e transpondo sílabas e fonemas; os transtornos visoespaciais provocam confusão, lentidão e inversões de letras também e substituições de letras” (ALGERI, 2014, p. 6).

Portanto o desenvolvimento da aquisição da escrita não deve ser de maneira mecanizada e descontextualizada, é necessário propor atividades que estimulem a compreensão da escrita e também respeitar as dificuldades das crianças que possuem transtornos de aprendizagem e adaptar as atividades de escrita às necessidades educativas destes.

2.2 Escrita no Processo de Alfabetização

No processo da alfabetização é necessário compreender o sistema da escrita. O ato de se comunicar ou se expressar grafados no papel, atrai a atenção das crianças, elas têm o contato

com a escrita antes mesmo de iniciar a alfabetização da escola, observando letreiros na rua, a escrita na televisão e no celular, em embalagens de alimentos e etc. Essa necessidade de se comunicar por meio de símbolos torna a aquisição um processo de interação entre o locutor e o interlocutor, só assim, a criança compreenderá o real significado da escrita. Mas este resultado de uma boa compreensão do que é a escrita. A alfabetização só é possível se não ocorrer de maneira mecânica e valorizar o que a criança já conhece por escrita.

Para que os educandos sejam alfabetizados de acordo com Janine Lopes: “três pontos favoráveis para o ensino de qualidade, sendo: o primeiro um ambiente adequado com salas de aula ricas em estímulos de aprendizagem, em que são propostas situações, que fazem o uso real da escrita; por segundo propor atividades significativas que contribuem para uma aprendizagem da escrita com qualidade, trazendo para a sala de aula leitura e escrita que tenham significado para as crianças e que despertem o desejo em aprender a ler e escrever, estando dentro do contexto social dos educandos; e por último a capacitação do professor, em que este necessita conhecer o nível conceitual e as capacidades cognitivas dos seus educandos, para desenvolver atividades adequadas aos níveis de conhecimento variado”. (LOPES, 2010, p. 6).

A escrita para Lopes (2010) é, portanto, o segundo eixo da compreensão da alfabetização, a escrita é representada por letras que correspondem a um som. É necessário que os educandos compreendam a escrita correspondendo a um grafema – fonema, só assim que a alfabetização será desenvolvida.

Em 1980 Emília Ferreiro e Ana Teberosky dão um novo rumo a alfabetização, nasce a “Psicogênese da língua escrita”, que passa a questionar o fracasso escolar, buscando a compreensão sobre o fracasso escolar, ou seja, a leitura e escrita. Em seus estudos elas buscaram mostrar que a prática pedagógica é uma fonte geradora da aprendizagem e que o educando poderá ser um construtor de sua aprendizagem.

Assim, em seus estudos sobre a Psicogênese da Língua escrita, Ferreiro (1995) comenta que a criança é capaz de apropriar de conceitos e habilidades de ler e escrever, esses atos linguísticos se assemelham ao sistema alfabético, onde a criança vai construindo gradativamente níveis e hipóteses sobre o sistema da escrita. (SILVA, 2016).

A teoria estudada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky entram em discussão devido desconsiderarem a ideia de uma alfabetização que apenas utiliza-se de habilidades com pré-requisitos para as crianças serem alfabetizadas, valorizando a interação entre o aprendiz e a escrita. A autora Lopes (2010) cita isto, porque “é impossível pensar que a criança só tem contato com a escrita a partir dos seis anos e também apenas quando tem contato com a escola, isto não ocorre, pois, as crianças já tiveram momentos com a escrita antes de iniciar o processo

da alfabetização na escola e esse conhecimento deve ser levado em consideração pelos professores”. (LOPES, 2010, p. 7).

A psicogênese da língua escrita para Ferreiro (1995) compreende cinco hipóteses, conforme serão especificadas no parágrafo a seguir.

“Nível silábico - assinala-se pela fase em que a criança pensa estar escrevendo e desenhando o objeto e não é capaz de relacionar as letras a língua falada. Nesta fase a criança elabora o que chamamos hipótese, a escrita das palavras é proporcional ao tamanho do objeto”. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1995).

O **nível silábico** trata do início da fonetização da escrita, visto que a criança interpreta a letra do seu jeito e atribui o valor de sílaba a cada letra. Período em que acontece um conflito entre hipótese, sílaba e a quantidade de letras necessárias para escrever uma palavra.

Nível pré-silábico - neste nível a criança evidencia uma diferenciação entre grafismos na qualidade e quantidade, sendo capaz de reduzir a quantidade de letras ou palavras, a criança pode variar a ordem para a produção de outras escritas.

Nível silábico - período em que a criança passa a construir sozinha as hipóteses silábicas e passa a compreender melhor a relação entre totalidade e partes, ou seja, entre as letras e os sons.

Nível de escrita alfabética - período em que a criança compreende que não é possível adivinhar o que está escrito, visto que é preciso reconhecer os fonemas e as letras, a criança começa a produzir sílabas.

Tendo em vista o que foi mencionado, sobre a aquisição da escrita no processo de alfabetização é necessário que o educando reconheça o conhecimento prévio do educando e também ofereça espaços adequados que estimulem a aprendizagem, percebendo também em quais níveis de escrita os educandos estão, para elaborar atividades adequadas que os ajude a se desenvolverem.

2.3 A Aquisição do desenvolvimento da Leitura

O desenvolvimento da aquisição da leitura é um processo que se inicia no reconhecimento visual da letra e a compreensão da letra representada por um som (fonema), até o entendimento mais amplo do contexto e conteúdo de um texto escrito. Devido a isso, as etapas principais do desenvolvimento da leitura são pela análise das formas visuais das palavras, o processo fonológico e a compreensão das palavras e frases.

Lopes (2010) descreve em seu caderno de apoio aos educadores, a leitura como o terceiro eixo da Alfabetização e Letramento. De acordo com a autora as crianças não precisam

saber ler e escrever para ter acesso à leitura. Para as crianças, o momento da leitura é algo prazeroso, mas é necessário selecionar livros que fazem parte da tradição oral, utilizando de textos cantados ou outros que as crianças já conhecem, como: parlendas, cantigas, poemas e etc. O uso de diversos gêneros possibilita grandes avanços quando a criança inicia o processo da escrita, levando em conta a fase de aprendizado trazendo atividades com brincadeiras lúdicas para que a leitura e a escrita ocorram de maneira natural.

O campo de experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, também discorre sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita, e esse ensino deve partir do conhecimento prévio das crianças, do que elas já sabem e do que gostam, para que os educadores ofereçam um repertório amplo de textos que estimulem a imaginação, o conhecimento e o prazer pela leitura.

Continuando no documento da BNCC (2018) no início do Ensino Fundamental o principal foco é desenvolver a alfabetização, esperando com que até no final dos dois primeiros anos do ensino básico os educandos já saibam ler e escrever, não apenas saber decodificar as palavras, mas saber todo o seu desenvolvimento nas diversas práticas de letramento. A aprendizagem da escrita e da leitura então, são desenvolvidas por duas vertentes diferentes, mas que devem ser trabalhadas juntas, são elas: a Alfabetização e o Letramento.

A autora Magda Soares, é bastante reconhecida por seus estudos sobre a Alfabetização e o Letramento. Ela define o letramento como uma “necessidade de configurar e dar nomes aos comportamentos sociais da leitura e escrita”, ou seja, é o uso dessa prática em condições sociais. Enquanto a alfabetização é a decodificação e codificação das palavras, saber escrever palavras, reconhecer os sons, mas a alfabetização para ela deve ser muito mais do que isso, não basta saber ler e escrever para ser alfabetizado, é necessário que a leitura e a escrita tenham um real significado para o educando e também saber essas habilidades nas mais variadas práticas sociais, não apenas reconhecer palavras soltas e fora de contexto. (SOARES, 2004).

“Em um primeiro momento, essa visibilidade traduziu-se ou em uma adjetivação da palavra alfabetização – alfabetização funcional tornou-se expressão bastante difundida – ou em tentativas de ampliação do significado de alfabetização/alfabetizar por meio de afirmações como ‘alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever’, ‘alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar’, e outras semelhantes. A insuficiência desses recursos para criar objetivos e procedimentos de ensino e de aprendizagem que efetivamente ampliassem o significado de alfabetização, alfabetizar, alfabetizado, é que pode justificar o surgimento da palavra letramento, consequência da necessidade de destacar e claramente configurar,

nomeando-os, comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e/ou a escrita estejam envolvidas”. (SOARES, 2004, p. 97).

Em virtude do que foi mencionado neste tópico, o momento da leitura pode ser desenvolvido desde os primeiros meses de vida da criança, apresentando diversos gêneros respeitando a fase da criança e evoluindo seu repertório aos poucos, para que a leitura não seja algo cansativo, mas sim prazeroso e que desperte a imaginação e o gosto pela leitura. Quando a criança está na fase de alfabetização e começa a ler sozinha, é esperado que ela não apenas saiba reconhecer as letras, palavras e frases, mas sim perceba o significado daquilo que está lendo e saiba usar a escrita e a leitura nas mais diversas situações sociais.

3 A ALFABETIZAÇÃO E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

3.1 A Alfabetização Infantil

Um dos grandes desafios enfrentados hoje pela Educação Infantil é conseguir adaptar uma prática pedagógica voltada para atender às necessidades da criança, que já está vivenciando os processos envolvidos na aquisição da linguagem escrita. Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998), pontua a importância de se promover experiências significativas na aprendizagem da língua, promovendo atividades com a linguagem oral e escrita proporcionando espaços amplos de comunicação e expressão, dando acesso ao mundo letrado pelas crianças.

“Se por um lado, o Referencial pode funcionar como elemento orientador de ações na busca da melhoria de qualidade da educação infantil brasileira, por outro, não tem a pretensão de resolver os complexos problemas dessa etapa educacional. A busca da qualidade do atendimento envolve questões amplas ligadas às políticas públicas, às decisões de ordem orçamentária, à implantação de políticas de recursos humanos, ao estabelecimento de padrões de atendimento que garantam espaço físico adequado, materiais em quantidade e qualidade suficientes e à adoção de propostas educacionais compatíveis com a faixa etária nas diferentes modalidades de atendimento, para as quais este Referencial pretende dar sua contribuição”. (RCNEI, 1998, p. 14).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil tem como objetivo instrumentalizar o trabalho dos educadores no dia a dia em sala de aula, ou seja, sua principal função seria a orientação dos professores em busca da melhoria do ensino, pois é do conhecimento de todos que a educação atualmente conta com uma série de problemas que precisam ser resolvidos. Nesse sentido, a adoção de propostas educacionais é bem-vinda, no sentido de melhorar a qualidade da educação no Brasil.

Consultando o Referencial Teórico Nacional ara Educação Infantil, percebe-se que: “Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores. As novas funções para a educação infantil devem estar associadas a padrões de qualidade. Essa qualidade advém de concepções de desenvolvimento que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhes fornecem elementos relacionados às mais diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma”. (RCNEI, 1998, p. 29)

Para se associar as novas exigências da Educação Infantil é preciso desenvolver um trabalho com responsabilidade e qualidade. É preciso rever as novas concepções de aprendizagem e desenvolver metodologias de ensino que venham sustentar a essa política de aprendizagem atual. O desenvolvimento da linguagem, ou seja, a aquisição da leitura e da escrita são atividades que precisam ser repensadas. Nos tópicos anteriores foi possível perceber a trajetória da Literatura Infantil e seu desenvolvimento no Brasil. Também se observou que a Literatura Infantil é uma atividade que visa aprimorar a leitura, a escrita bem como o vocabulário.

“A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação” (RCNEI, 1998, p. 24).

A instituição escolar deve promover meios de aprendizagens que venham ao encontro das necessidades reais dos educandos. O RCNEI deixa evidente que as escolas devem se preocupar com o desenvolvimento cultural dos seus educandos, nesse contexto, a Literatura Infantil é uma forma de inteirar os educandos sobre a cultura do Brasil, obras como as de Monteiro Lobato dão asas à imaginação bem como o acesso as mais diversas culturas brasileiras, assim, os educandos terão oportunidades de acesso às aprendizagens diversificadas e se interagem com o meio social.

De acordo com o RCNEI (1998), educar significa criar situações que promovam o desenvolvimento dos educandos, dando a estas oportunidades de aprendizagens de forma orientadas e integradas, assim, a educação estará contribuindo para a formação de cidadãos pensantes e capazes de interagir com o meio de forma crítica e reflexiva.

Observa-se que o uso da Literatura Infantil nos proporciona conhecer o mundo, é, portanto, um veículo de comunicação que nos permite desvendar os mistérios da humanidade. Cabe ao professor o seu papel de mediador da leitura desvendar os enigmas, tendo ciência de que o texto literário permite múltiplos olhares e, por isso, distintas interpretações. A literatura infantil desperta não só o discurso verbal, mas o contato visual com as letras, palavras enfim, o texto estimula a curiosidade quanto à escrita, levando a criança a intensificar sua experiência no universo mágico das palavras. Se a literatura infantil, então, lhe propicia experiências de linguagem ricas e variadas, ela vai ampliando a sua consciência a respeito da língua que fala.

Cabe à educação infantil, dar ênfase a esses processos de construção de conhecimentos, e um dos caminhos que os possibilitam é sem dúvida a literatura, a qual se mostra bastante diversificada e seja em forma de poema, poesia, canção, narração, dramatizações folclóricas ou artísticas sempre estarão resultando em uma leitura de mundo. É, pois, um material rico em suas possibilidades de escolha, o qual dará suporte à continuidade ao processo de letramento, de forma a proporcionar uma ação pedagógica além de rica em possibilidades de escolha, prazerosa, levando a criança a uma viagem fantástica ao mundo da imaginação onde tudo é possível sem, contudo, esquecer-se do real, tendo o como referência para as múltiplas possibilidades de interpretação que conseqüentemente provocará uma mudança no olhar, uma mudança de postura, frente aos desafios impostos pela vida.

É importante ler para as crianças, de forma a despertar o interesse, o gosto, por esta leitura, mesmo que de início seja uma leitura /ouvintes, ou seja, ouvir o que é lido pelo outro (professor) e nada melhor para encantar os leitores ouvintes do que a literatura, a qual dá prazer. É ler no sentido de provocar uma relação dialógica entre autor – mundo – leitor, pois é com as práticas orais que a escrita começa a ganhar sentido para a criança. E pouco a pouco o ato de ler é percebido com outro jeito de falar e de se relacionar com o outro e com o mundo.

O contato com as diferentes formas de linguagens trabalhadas segundo a diversidade do gênero da literatura infantil se faz essencial, visto que, é garantia do desenvolvimento linguístico. Por isso, a importância do contato com a diversidade de textos.

A leitura de textos diversificados possibilita à criança o desenvolvimento da capacidade de analisar criticamente os usos linguísticos e faz com que os momentos de aprendizagem estreitem os laços com a função social da linguagem, ligados à sua utilização cotidiana e vinculando intenções diferentes.

[...] quanto mais diversificada a experiência de leitura dos educandos, quanto mais familiaridade eles tiverem com textos narrativos, expositivos e descritivos, mais conhecida será

a estrutura desses textos, e mais fácil a percepção das relações entre a informação veiculada no texto e a estrutura do mesmo (KLEIMAN, 1993, p. 87).

Vivemos em uma sociedade letrada, ou seja, impregnada de materiais escritos que já não permitem ao cidadão apenas ser capaz de escrever seu nome, ler e compreender textos simples. É essencial que ele seja preparado para executar as práticas sociais de leitura e de escrita como saber obter e localizar uma informação, produzir questões escritas associadas às práticas de linguagem oral. Estamos falando do letramento que é a capacidade que o indivíduo tem de utilizar práticas sociais de linguagem para promoção da interação entre as pessoas e resolução de problemas de vida, assumindo um comportamento real de leitor e de produtor de textos (orais e escritos) nas mais variadas situações de uso de linguagem, tendo esta como um meio de garantir a interação humana, numa relação dialógica entre autores e leitores, tendo a leitura de mundo como inferência.

O trabalho com a literatura infantil tem muito a oferecer, visto que contribui para a promoção do diálogo, levando ao efetivo domínio da língua garantindo ao sujeito maior capacidade de análise e compreensão de mundo, além de viabilizar uma atuação mais consciente como cidadão que exerce seus direitos e deveres.

A educação infantil é o espaço que deve contribuir para que a criança que está em pleno processo de aquisição e ampliação do uso da língua se torne um bom falante. É exatamente nesse processo, como falantes de uma língua, que o conhecimento sobre textos é garantido, por meio de atividades diárias de comunicação realizadas entre a criança e o texto. Em contato com os textos falados e escritos, as crianças vão identificando formulações básicas acerca da língua escrita. Aos poucos a criança irá diferenciando o sistema gráfico da palavra escrita. Pois, é exatamente na relação dialógica, com as práticas orais que a escrita começa a ganhar sentido para a criança.

Conforme pesquisas realizadas no RCNEI (1998) observa-se a importância de desenvolver atividades lúdicas na Educação Infantil, porque assim a criança completa e amplia conhecimentos que estão estruturando em seu desenvolvimento, por meio da brincadeira e se torna uma excelente aliada da aprendizagem.

“[...] o convívio com a língua escrita tem como consequência mudanças na língua oral, nas estruturas linguísticas e no vocabulário. Enfim: a hipótese é que aprender a ler e escrever, e, além disso, fazer uso da leitura e escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a outro estado ou condição, sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros” (SOARES, 1998, p. 37-38).

O convívio com a leitura e com a escrita poderá acontecer por meio da literatura Infantil. Quanto mais cedo a criança tiver contato com a literatura, mais chances ela terá de desenvolvimento da leitura e da escrita. O mundo dos letrados oferece grandes oportunidades de aprendizagens, nesse sentido, a escola deve oferecer aos educandos oportunidades de aprendizagens da leitura e da escrita por meio do mundo da literatura, voltando a reforçar que a literatura Brasileira possui autores como Monteiro Lobato que faz parte da nossa cultura.

O RCNEI (1998) assevera que a linguagem oral e escrita, são muito importantes para a educação, uma vez que, o mundo em que estamos inseridos é cercado pela mídia falada e escrita, a interação com os seguimentos sociais é importante.

“A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa associação às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever” (RCNEI, 1998, p. 117).

A citação reforça que a Educação Infantil, deve em primeiro lugar promover as experiências significativas de aprendizagem da língua. A escola deve, portanto, trabalhar continuamente a língua falada e escrita para que os educandos possam compreender as suas habilidades e em seguida desenvolverem as suas capacidades de comunicação falada e escrita.

“Para favorecer as práticas de leitura, algumas condições são consideradas essenciais. São elas: dispor de um acervo em sala com livros e outros materiais, como histórias em quadrinhos, revistas, enciclopédias, jornais etc., classificados e organizados com a ajuda das crianças; organizar momentos de leitura livre nos quais o professor também leia para si. Para as crianças é fundamental ter o professor como um bom modelo. O professor que lê histórias, que tem boa e prazerosa relação com a leitura e gosta verdadeiramente de ler, tem um papel fundamental: o de modelo para as crianças; possibilitar às crianças a escolha de suas leituras e o contato com os livros, de forma a que possam manuseá-los, por exemplo, nos momentos de atividades diversificadas; possibilitar regularmente às crianças o empréstimo de livros para levarem para casa. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura em casa, junto com os familiares. Uma prática constante de leitura deve considerar a qualidade literária dos textos. A oferta de textos supostamente mais fáceis e curtos, para crianças pequenas, pode resultar em um empobrecimento de possibilidades de acesso à boa literatura. Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o

assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão”. (RCNEI, 1998, p. 140).

Observa-se que a formação de leitores é um processo lento e que precisa de orientações corretas para atingir tal alvo, nesse sentido, o trabalho dos pais e da escola são importantes na formação da linguagem da criança. Crianças que têm acesso a material de leituras ainda pequenas têm mais oportunidades de desenvolvimento.

3.2 BNCC e a Alfabetização Infantil

Segundo Bazani (2017) a BNCC é um documento orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), e tem como foco propor um novo direcionamento para a formação integral do educando. A BNCC tem como objetivo principal, orientar os educadores nas suas atividades diárias, tal documento mantém os principais pressupostos presentes em diretrizes anteriores, como os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), e ao mesmo tempo propõe algumas mudanças, visto que reconhece a apropriação do sistema alfabético de escrita tem especificidades e colocando-a como foco principal da ação pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A BNCC propõe algumas especificidades da alfabetização, sendo que a primeira indica a centralidade do texto, dando ênfase às práticas sociais de leitura e de escrita. A segunda é uma somatória do planejamento e atividades que possibilitam aos educandos uma reflexão sobre o sistema de escrita alfabética.

A criança, naturalmente, manifesta curiosidade linguística acerca de textos escritos. Sozinha, ela constitui sua própria concepção de língua escrita e já é capaz de reconhecer a multiplicidade dos usos da escrita. A partir dos conhecimentos e desejos manifestados pelas crianças, a imersão da escrita na cultura deve ser iniciada. O contato precoce com a Literatura colabora para o desenvolvimento do gosto pela leitura e estímulo à criatividade. A familiaridade com textos escritos faz com que as crianças desenvolvam hipóteses sobre o escrever. Na maioria das vezes, as crianças conseguem identificar a escrita como um sistema de representação da língua.

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, as experiências iniciadas na Educação Infantil ganham teor mais profundo. A alfabetização e suas práticas aparecem em **quatro eixos**:

“**Oralidade**, que envolve o conhecimento da língua oral e estratégias de fala e escuta; **Análise Linguística/Semiótica**, que sistematiza, de fato, a alfabetização e seu período de 5 anos (2 para a inserção e 3 para o desenvolvimento); **Leitura/Escuta**, que dá devido destaque ao letramento por meio de uma progressiva adequação às estratégias de leitura em variados

tipos de texto; **Produção de texto**, que também, progressivamente, incorpora estratégias de escrita de diferentes gêneros textuais”. (RCNEI, 1998, p. 140).

Assim, a aquisição da habilidade na escrita envolve capacidades e habilidades que foram adquiridas na alfabetização, onde acontece a exploração natural da linguagem, ou seja, período de conhecimento da mecânica da escrita e leitura.

CONCLUSÃO

Diante de todo o processo de estudo acerca do tema aqui assinalado e discutido, chegou-se à conclusão que a formação da linguagem oral e escrita é fundamental para o desenvolvimento da criança, no período de alfabetização esse processo precisa ser muito bem explorado, será como um alicerce na construção de conhecimentos futuros.

Com a busca dos referenciais teóricos foi possível uma contribuição para a análise de quais são os assuntos mais discutidos por diversos autores e documentos oficiais, que também abordam sobre o desenvolvimento da língua oral e escrita na alfabetização.

A formação da linguagem oral e escrita da criança deve ser estimulada pela família e pela escola. A criança precisa ser posta em situações de desafios para aprender a criar suas respostas. A linguagem é uma forma de interagir com o meio, as respostas vão surgir se devidamente estimuladas.

As práticas de leitura, podem ser desenvolvidas desde quando as crianças são bem pequenas, não é necessário esperar a criança compreender a fala para iniciar esses momentos. Utilizar livros de diversos gêneros, entonar a fala dos personagens, apresentar as ilustrações oferecem às crianças oportunidades de experimentar, descobrir, inventar, aprender e conferir habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração e atenção.

O resultado desta pesquisa nos possibilitou uma reflexão na seguinte direção, mesmo com estratégias pedagógicas atuais discutidas para a alfabetização e o letramento para ser desenvolvida com qualidade, ainda existe uma grande dificuldade em relação ao ensino e aprendizagem, em vista da falta de preparo dos educadores para lidar com educandos com transtornos de aprendizagem que atrasam a aquisição da fala, da escrita e leitura. Além disso, o que causa a dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita é a prosposta de atividades descontextualizadas, com palavras soltas que não estimulam a compreensão da leitura em usos sociais e não trazem nenhum significado à aprendizagem dos educandos e também não considerar o que a criança já sabe sobre a escrita.

REFERÊNCIAS

- ALGERI, Marinês Serro. **Dificuldades de aprendizagem na escrita: um olhar psicopedagógico**. Sertão RS. Vol. 9 – Nº 20 – 2014.
- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil**. São Paulo. 2011.
- BAZANI, Leticia Valéria. **A Alfabetização na Nova Base Nacional Comum Curricular**. Maringá. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e linguística**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- CORRÊA. Leticia Maria Sicuro. **Processamento Linguístico e Aquisição da Linguagem: uma Abordagem Integrada**. PhD, University of London, 1986.
- CRIANÇAS COMO LEITORAS E AUTORAS / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.- Brasília: MEC /SEB, 2016.
- DELORS, Jacques (coord.). **Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.
- FERREIRO, E. e TEBEROSKY. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas,
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- FONSECA, V. **Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- INSTITUTO SUPERIOR DE TEOLOGIA APLICADA. **Código de Linguagem**. 1ª EDIÇÃO. EGUS 2015.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- LEITE, Leonardo Ripoll Tavares. **Zona de Desenvolvimento Proximal e o comportamento organizacional: a dialética de Vygotsky no ambiente de uma organização**. Florianópolis. 2013.
- LOPES, Janine Ramos. **Caderno do educador: alfabetização e letramento 1** / Janine Ramos Lopes, Maria Celeste Matos de Abreu, Maria Célia Elias Mattos. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.
- OLIVEIRA, Janieri de Sousa; ROCHA, Maria de Lourdes da; ELANE, Conceição. **As Fases do Desenvolvimento da Linguagem Escrita**. Sobral. 2015.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Editora Vozes. Petrópolis. 2012.
- SILVA, Andréia Kelly Araújo da. **Pensamento, Linguagem e Aprendizagem: Reflexões Sobre A Teoria Vigotskiana e a Formação Docente**. Curitiba. 2013.
- SILVA, Maria Alice S. Souza. **Construindo a leitura e a escrita: Reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2016.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: **caminhos e descaminhos**. Revista Pátio. 2004.

SOARES, Magda. Letramento: **um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. ANDRADA, Paula Costa de. **Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo**. Campinas I 30(3) I 355-365. 2013.

Enviado em: 07/12/2021.

Aceito em: 17/12/2021 (Artigo pré-aprovado nas bancas de TCC da UEG UAB 2021/1).

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO